

PROCESSOS DINÂMICOS E ESTRUTURAIS EM FLORESTA OMBRÓFILA MISTA ALTO-MONTANA EM DIFERENTES GRADIENTES DE ALTITUDE NA REGIÃO SERRANA DE SANTA CATARINA

Guilherme Galeski¹, Vinicius Chaussard Venturini², Thiago Floriani Stepka³

¹Acadêmico do Curso de Engenharia Florestal do CAV - bolsista PIBIC/AF

²Acadêmico do Curso de Engenharia Florestal do CAV

³ Orientador, Departamento de Engenharia Florestal, CAV - thiago.stepka@udesc.br

O Bioma Mata atlântica é composto por sete tipologias florestais, dentre elas, uma das que mais se destacam no estado de Santa Catarina é a Floresta Ombrófila Mista (FOM) ou também conhecida como floresta de pinheiros. É composta por algumas subdivisões distinguidas, principalmente, pela altitude em que ocorrem. Uma dessas é a (FOM) Alto-Montana que é presente em regiões onde a altitude se equivale ou ultrapassa aos 1000 metros acima do nível do mar, encontrando-se principalmente na seção oriental do Planalto de Santa Catarina em áreas descontínuas e fragmentos florestais.

Condicionada à presença do Pinheiro Brasileiro (*Araucaria angustifolia*), é limitada a ocorrência de algumas espécies na submata, o que acaba proporcionando uma composição florística variável. Devido à altitude elevada, as temperaturas são mais baixas o que favorece a formação de nuvens baixas, formando um ambiente nebuloso caracterizado pela baixa incidência de sol e elevada umidade relativa do ar, o que conduz a uma baixa capacidade evapotranspirativa que, associada à predominância de solos pouco profundos, reflete em um ambiente ecologicamente seletivo. O objetivo da presente pesquisa foi determinar as principais variáveis dendrométricas em um fragmento de Floresta Ombrófila Mista Alto-Montana, e correlacioná-las com a altitude de cada unidade amostral, de modo a identificar possíveis interferências dos gradientes de altitude na dinâmica da floresta.

O fragmento utilizado como fonte de dados para esta pesquisa está localizado em Urupema-SC, em uma área de relevo classificado como fortemente ondulado, onde, foram instalados 3 transectos, ambos seguindo o gradiente de declividade da região, com parcelas permanentes de 10 x 20 m (200m²). Cada transecto é composto por diferentes números de parcelas, sendo que o transecto T1 possui 7 parcelas, o T2 possui 9 e o T3 tem 18 parcelas. Na Figura 1, pode ser observado um perfil longitudinal de cada transecto, visualizando-se a localização de cada parcela nos diferentes gradientes de altitude.

Para a coleta de dados, em 2012 foram incluídas as árvores com CAP (circunferência à altura do peito) maior ou igual a 15,7 cm ou 5 cm de DAP (diâmetro à altura do peito), as bifurcações abaixo de 1,30 m foram consideradas como um indivíduo. Em 2017 foram feitas as remeidições dos transectos, baseando-se nos mesmos critérios da medição de 5 anos anteriores, sendo considerados ingressos os indivíduos que atingiram o DAP mínimo de 5 cm, e avaliando a quantidade de indivíduos que morreram neste período. Com os dados obtidos foram quantificados os parâmetros fitossociológicos dos transectos, nos anos (2012 e 2017), como densidade absoluta e relativa, a dominância absoluta e relativa, frequência absoluta e relativa, valor de cobertura e valor de importância das espécies, taxas de ingresso e mortalidade, no período compreendido entre 2012 e 2017.

Neste estudo foi construída uma matriz de correlação, verificando as principais interações florestais que existiam nos transectos. Além disso observou-se as significâncias das correlações

existente entre as variáveis correspondentes e principalmente, buscou-se atestar se o gradiente de altitude encontrado na área influenciava em alguma das variáveis mensuradas.

Os diferentes gradientes de altitude não influenciaram na ocorrência das espécies, porém a presença de água combinada com este fator exerce uma influência significativa na composição florística das parcelas. Observa-se na mesma área, que existe uma correlação (r) da altitude com as variáveis número de arvores por hectare (N/ha), área basal por hectare (G/ha), número de indivíduos ingressos (ing/ha), número de indivíduos mortos (Morta/ha) e (\bar{d}) diâmetro médio, como mostra a Tabela 1.

Na Tabela 1, apresenta-se apenas as principais variáveis que apontam significância na correlação acima de 90% (p-valor). Destaca-se que as significâncias foram obtidas em ambos os períodos de medição apontando que a altitude é um aspecto seletivo que deve ser considerado nos estudos da dinâmica nos transectos.

Palavras-chave: Biometria florestal, Ambiente montanhoso, Dinâmica florestal.

Figura 1. Perfil dos diferentes gradientes de altitude das parcelas nos transectos I, II e III

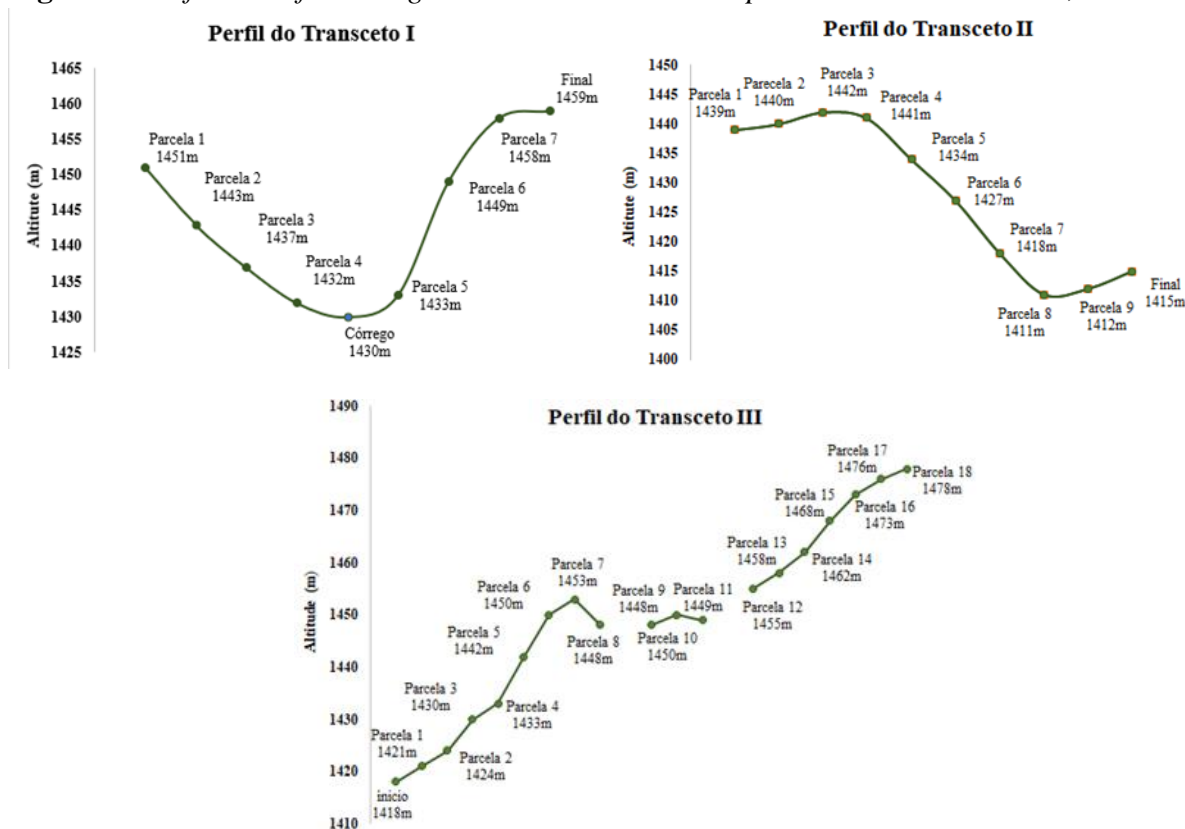


Tabela 1. Tabela de correlação e significância entre a altitude e as variáveis dendrométricas

Altitude (m)	r	N/ha (2012)	N/ha (2017)	G/ha (2012)	G/ha (2017)	Ing/ha	Morta/ha	\bar{d} (2012)	\bar{d} (2017)
		p-valor	0,4799	0,5136	-0,4018	-0,4094	0,3327	-0,3217	-0,5395
		0,0073	0,0037	0,0277	0,0247	0,0724	0,083	0,0021	0,0038